

ARTISTA INDEPENDENTE: PROCESSOS E DESAFIOS

Autora
Ingrid Anjos

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor reflexões acerca de vivências artístico-musicais, entendendo como e por que os caminhos ora se assemelham, ora se distinguem, sempre em direção às possíveis respostas para a pergunta: em que consiste a suposta “independência” dos chamados artistas independentes? A ideia surgiu a partir da minha vivência como artista, sendo uma mulher cis, negra e LGBTQIA +, portanto percorrerei tanto meu próprio trajeto musical quanto de três artistas específicos, com vivências pertinentes ao conteúdo abordado, e sempre criticando o sistema em que estamos inseridos, pois é impossível analisar quaisquer situações sem reconhecer os impactos sociais e culturais que vivemos. A arte está sempre entrelaçada com a realidade de artistas.

Palavras chave: música; artista independente; compositora; indústria fonográfica; Spotify.

ABSTRACT

The present work aims to propose reflections on artistic-musical experiences, understanding how and why the paths are sometimes similar, sometimes different, always towards possible answers to the question: what does the supposed “independence” of the so-called independent artists? The idea came from my experience as an artist, being a cis, black and LGBTQIA+ woman, therefore I will cover both my own musical journey and that of three specific artists, with experiences relevant to the content covered, and always criticizing the system in which we are inserted, as it is impossible to analyze any situation without recognizing the social and cultural impacts we experience. Art is always intertwined with the reality of artists.

Keywords: music; independent artist; composer; phonographic industry; Spotify.

1. ARTISTA INDEPENDENTE DO QUÊ?

1.1. Que ideologias são essas?

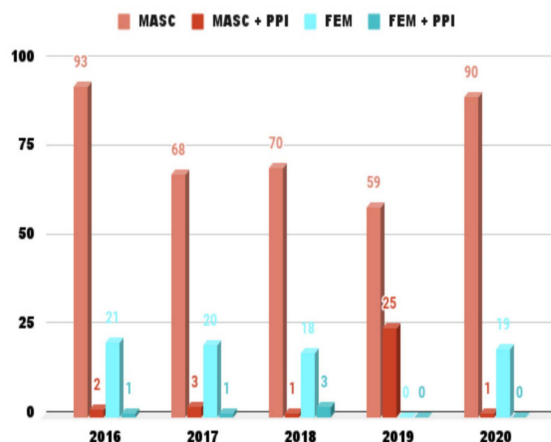
É desconexo avaliarmos uma situação individual e julgarmos como possibilidade única de verdade. “A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que diretamente se enfrentam: burguesia e proletariado.” (Marx; Engels, 1997). O capitalismo fornece “roupagens”, “caixinhas”, “status”. Neste cenário, como a arte atua? O objetivo artístico está sempre alinhado a resultados financeiros? Quando não, por quê?

Em resumo, “a cultura se torna assim um meio para contornar os problemas, um ponto de fuga, uma válvula de segurança que impede a explosão da situação. Ela fornece às contradições reais um desbloqueio ideal, aos problemas efetivos uma solução ilusória.” (Girardi, 1975). Pensando através dessa lógica ilusória, conseguimos trazer aproximações factuais de como elas vão surgindo em nossa

sociedade capitalista, dentro de questões complexas e estruturais.

Analizando os dados abaixo, faremos uma breve análise para que possamos começar a entender tamanhos impactos dentro dos recortes de raça e gênero, no curso de Bacharelado em Música - composição ou regência:

Figura 1 - Gráfico demonstrativo de gêneros, com e sem cotas, de alunos de Bacharelado em Música - composição ou regência.



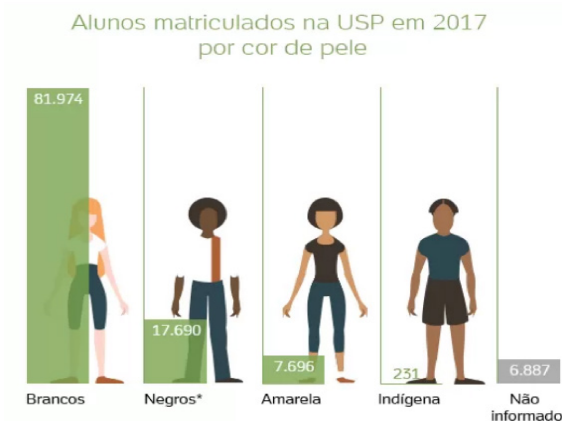
Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Gráfico elaborado a partir de dados disponibilizados pela Unesp.

O gráfico mostra dados que analisei referentes aos relatórios de vestibulares da Unesp, de 2016 a 2020, disponíveis

no site da Vunesp na opção “Relatórios”¹, e tem a função de mostrar a relação de candidatos dos sexos masculino (homens-cisgênero) e feminino (mulheres-cisgênero), juntamente com às informações de cotas (PPI) de cada sexo no decorrer desses anos. Além dessas informações básicas, é revelado um processo de invisibilização: das pluralidades de identidades de gênero. Eu, muitas vezes, era a única mulher-cisgênero ou a única pessoa negra presente nas classes de composição. Porém, isso não diz respeito à Unesp em particular:

Figura 2 - Gráfico demonstrativo de alunos matriculados na USP em 2017 por cor de pele.



Fonte: MARTINS, Leonardo, 2018.

¹ Link para acesso: <https://www.vunesp.com.br/institucional/estatisticavestibular>

Esses dados escancaram frutos colhidos de uma estrutura capitalista, pautada no racismo, LGBT-fobia, misoginia, e tantas outras formas de violência e genocídios. Vejamos o caso de Ludmilla, por exemplo, uma artista com grande reconhecimento na carreira. No entanto, apesar de ser famosa, influente e respeitada no cenário artístico-musical, continua sendo alvo de crimes raciais e LGBTQIA + fóbicos (Alcione, 2020). Trago a reflexão de como podemos sequer pensar em popularidade, alcance e reconhecimento vivendo no sistema em que estamos? A solução ilusória engana ao acharmos que, por existirem algumas pessoas negras e LGBTQIA + com dinheiro, fama e reconhecimento, os preconceitos estão chegando ao fim ou até mesmo, findaram-se.

1.2. Indústria Fonográfica

Antes de adentrar este tema, é importante pensarmos como a indústria fonográfica, ao longo dos anos, vai tornando-se maior e com cada vez mais ramificações (Cavalcanti; Calazanis, 2019, p. 4). Desde sua origem, a indústria fonográfica firma-se como

sendo a principal figura responsável pela organização de artistas. Rege, compõe trajetos e, muitas vezes, impõe trejeitos. A indústria é até hoje esse grande representante e, embora as discussões acerca da má remuneração financeira e má distribuição de *royalties*¹ à artistas estejam começando apenas recentemente (Gonçalves, 2021), é importante refletirmos sobre qual a função dos artistas hoje em dia, e qual a função da arte em si e não confundirmos uma facilidade de lançamento e, consequentemente, conseguir (de certa forma) espaço nas plataformas digitais, com a remuneração do trabalho realizado e reconhecimento.

O senso comum sobre as plataformas de streaming de músicas é que os artistas estão sendo muito mal remunerados e os produtores fonográficos permanecem com grande parte das receitas feitas pela indústria fonográfica (Gonçalves, 2021, p. 72).

1.3. Analisando dados do Spotify

As mulheres recebem 9 reais a cada

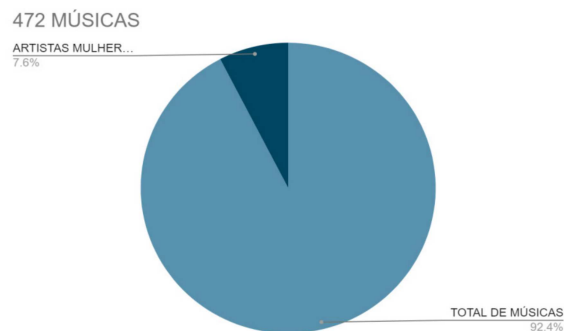
¹ Patente de um fonograma.

100 reais distribuídos (UBC, 2021). No que tange à participação por gênero nas 'rubricas', no meio digital, as mulheres contemplam 10%, enquanto os homens representam o restante (90%); nas rádios, 14% das mulheres e 86% dos homens; e na TV aberta, 6% das mulheres e 94% dos homens. (UBC, 2021).

Aqui, farei uma breve análise de sete Playlists² montadas pelos curadores do Spotify e ouvidas por mais de um milhão e meio de pessoas mensalmente. Essas Playlists fazem parte da linguagem do Rap e seus subgêneros. O foco é analisar a porcentagem da presença trans e de mulheres-cisgênero, num total de 472 músicas. Este é o resultado:

Figura 3 - Gráfico demonstrativo da análise de identidade de gênero dentro de sete Playlists do Spotify

² As Playlists analisadas foram: Trapperz Brasil, Trap Ouro, Dose Trap, Presença Hip Hop, Rima Avançada, Trap Classe, Coleção Hip Hop.



Fonte: elaboração da autora, 2024.

A falta de representatividade dentro das universidades é apenas um recorte pequeno de um cenário imenso. A reflexão maior que proponho é: por que há artistas homens-cisgênero que, apesar de obterem menor número de ouvintes mensais (streams), estão nessas Playlists? Enquanto que diversas mulheres-cisgênero e pessoas trans, evidentemente com maior número, não estão? Do que nós artistas somos de fato independentes se constantemente somos impelidos para dentro de categorias criadas pelas grandes indústrias? Se em tantos níveis complexos temos nossa liberdade de expressão e criação barradas por um sistema?

O sistema vive desta falsidade

estrutural, desta hipocrisia inconsciente. Tem necessidade de homens que se adaptem porque não a vislumbram como tal; para que eles próprios, criados pelo sistema à sua própria imagem, reproduzam em suas vidas o mesmo dualismo e a mesma falsidade estrutural. Assim eles aceitam como normal que se pensem e se digam coisas que não se vivem, e que são, objetivamente, irrealizáveis. O escopo fundamental da ideologia é, definitivamente, o de plasmar esse tipo de homem, do qual o sistema tem necessidade para subsistir e que chamamos de “homem da ordem” (Girardi, 1975, p. 17).

2. CONHECENDO OUTRAS TRAJETÓRIAS

Escolhi três artistas distintos, cujas trajetórias se entrelaçam por meio de vivências específicas de grande relevância. A depender do nicho, localização, idade, entre diversos outros diferenciais, há uma presença significativa de que existe uma entidade/ instituição, que rege críticas em comum que esses artistas possuem. O mercado constantemente escolhe quem irá ser destacado dos demais, porém, inúmeras vezes ele foi superado por conta

de escolhas de um público maior.

2.1. Djonga

Gustavo Pereira Marques, mais conhecido como Djonga, é rapper, compositor e poeta, nascido em 1994, na Favela do Índio (BH). Em seu último ano cursando história na Universidade Federal de Ouro Preto, abandonou para que pudesse se dedicar à arte. No dia 13 de outubro de 2022 lançou seu álbum 20 “Dono do Lugar”. “Eu comecei minha carreira num sarau de poesia, chamado Sarau Vira-Lata. Foi na época em que os movimentos independentes de rua de BH estavam muito fortes, existiam vários saraus espalhados pela cidade. Esse movimento de rua também era político, funcionava como um protesto contra o prefeito da cidade, por isso era tão forte” (Dornelas, 2017).

O rapper conta em uma coletiva de imprensa (LIVE [...], 2022, 45:33-47:44) o que pensa sobre a indústria fonográfica, a partir da pergunta: “como você avalia, hoje, o Rap?”, ele responde que “a ideologia da indústria é o dinheiro” e que não é o “dono” de seu trabalho justamente por ter consciência que os

verdadeiros “donos, são os que retêm os meios de produção e artistas são apenas assalariados”.

[...] a gente fica alimentando esse ciclo e semana que vem, daqui dois anos, vai ser outra coisa que será a do momento, e várias pessoas que acreditaram que [na cena atual] esse é o “grande lance”, vão deixar de existir. (LIVE [...], 2022, 50:17-50:30)

2.2. Galo de Luta

Paulo Roberto da Silva Lima, mais conhecido como Galo de Luta, ansiava por se tornar um rapper, porém devido a complicações financeiras, teve que começar a trabalhar como motoboy, ou como ele mesmo se define: “mais um rapaz comum” (QUEM [...], 2022, 0:097 min). Como seu maior desejo era tornar-se rapper, compositores na época o aconselharam que a leitura era essencial. Então, começa diversas leituras sobre lutas sociais, como: Malcolm X, “Negras Raízes: A Saga de uma Família” (de Alex Haley), “As Veias Abertas da América Latina” (de Eduardo Galeano), entre muitos outros. Atualmente é fundador do Movimento dos Entregadores Antifascistas. Em um Podcast, Galo traz reflexões e denúncias, também, acerca desta pirâmide social:

[...] Tem muita gente que acredita que existe uma solução para os pretos, para classe trabalhadora, para os mais oprimidos do mundo pelo mercado. Esse mercado nasceu para vender nós. Só existe uma forma de solucionar a “parada”: é quebrar este mercado e estabelecer outra lógica de mercado. “Pretos no topo” e “favela venceu” são ideias que vão por dentro do mercado. As vezes a vitória de um [uma pessoa] é um plano de contenção para segurar o resto [das pessoas]. Nós têm que transformar o triângulo num círculo e coexistir. Em vez de querer vencer, nós têm que convencer, pois convencer é vencer junto com você. (Paulo, 2022, 39:54-41:46).

2.3. Bia Ferreira

Os artistas precisam se posicionar, nós temos um papel importantíssimo por que a gente fala com as pessoas! ‘Artivismo’ deveria ser uma base para quem quer viver de arte. Não tem como você viver de arte se calando diante do que está acontecendo porque se você se cala, então o que você faz não é arte, é pão e circo. (DEIXA [...], 2019, 01:17-01:40).

Nascida em 1993, em Minas Gerais, Bia é compositora, cantora, multi-instrumentista, negra, lésbica, de família tradicional evangélica e, como ela mesma coloca em sua mini biografia do Spotify, “define sua arte como MMP: Música de Mulher Preta. Faz o uso de sua obra para educar, conscientizar e passar informações a respeito das demandas

de luta do movimento antirracismo no Brasil”. Há muitas coisas que pensamos em comum e uma delas é enxergar a arte enquanto ferramenta política. O que é o artista senão um mensageiro? Há uma dificuldade em associar que vivemos em uma sociedade imersa em ideologias. A partir de um momento em que um artista se abstém de um posicionamento político, ele já está se posicionando. A nossa cultura, educação e quaisquer fontes de entretenimento, estão constantemente carregadas dessas ideologias: “o principal sucesso da ideologia está justamente em cegar as massas sobre sua própria 17 condição” (Girardi, 1975, p.15).

A ideologia está escondida mesmo na linguagem. A linguagem, com efeito, não é só um instrumento de comunicação dos conhecimentos, mas também a cristalização de um pensamento; saber falar é, além do mais, uma das formas de poder que a classe dominante se reserva; enfim, a sujeição às leis da linguagem, aceitas como leis absolutas, faz corpo com a sujeição às leis do sistema. Aprender a falar significa aprender a obedecer. (Girardi, 1975, p.19)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUAL MEU MAIOR OBJETIVO COM A MÚSICA?

Desde que realizei lançamentos, deparei-me com inúmeras nomenclaturas, burocracias e receios acerca desse grande “personagem”: o mercado. Quanto mais estudava, mais dúvidas e termos iam surgindo. É fato que tanto o número de assinantes de plataformas digitais quanto o número de produções independentes cresceram durante a quarentena. “À medida que o bloqueio ocorreu, as grandes gravadoras lançaram 1,2 milhão de músicas em 2020; Artistas DIY lançaram incríveis 9,5 milhões. Isso é uma proporção de 8 para 1 de artistas” (Page, 2021). Mas escrevo de dentro da minha perspectiva e contexto: sou brasileira. Apesar do aumento da busca sobre os assuntos de produção musical independente, isso não muda o fato de que em nosso cenário político/econômico o acesso às informações é tão difícil quanto a aquisição financeira para instrumentos e tecnologia. Desde então, estou entendendo cada vez mais o que busco como artista e como desviar dessas normas impostas pelo mercado. Estou sempre procurando outras referências artísticas, expandindo

meu repertório e acima de tudo ouvindo pessoas, conhecendo tantas outras trajetórias.

Foi um processo até entender que os motivos dessa falta de coragem são frutos de uma sociedade patriarcal e LGBTQIA + fóbica, que fazem pessoas como eu acharem que o amor não é demanda suficiente, nem tampouco ferramenta de comunicação acerca de outras pautas.

Assim como muitos artistas independentes, almejo cantar para as pessoas não por dinheiro e fama, mas para transmitir e compartilhar ideias, utilizar da arte como fonte de inspiração e diálogos. A arte é grande demais para caber em meras “caixinhas”. Para mim, arte é instrumento de mobilização, é ação, é geradora de sentimentos e emoções. Por que deixamos que nos rotulem? Que dêem nomes às nossas artes, escolham o que serve e o que não? Compartilho com a definição que Bia Ferreira faz de si que, sendo artista, ela “usa a arte enquanto ferramenta de transformação e enquanto ferramenta de informação, para chegar até às pessoas que se parecem comigo e que não tiveram oportunidade de ter as mesmas informações a que eu tive acesso”.

(BIA, 2022, 05:44-06:01). Já que não há independência na arte, sejamos então cada vez mais unidos em meio a tantas guerras e dificuldades. Sejamos tudo aquilo a que o sistema se contrapõe.

REFERÊNCIAS

(LIVE) Djonga - O Dono Do Lugar | Coletiva de Imprensa. [S. l.: s. n], 2022. 1 vídeo (01:08:32 h.). Publicado pelo canal: Djonga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXCDiqcUWTU&t=2865s>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ALCIONE e outros famosos saem em defesa de Ludmilla após ataque racista: ‘Inaceitável’. Folha de S.Paulo, Celebidades, São Paulo, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2020/06/alcione-e-outros-famosos-saem-em-defesa-de-ludmilla-apos-ataque-racista-inaceitavel.shtml>. Acesso em: 18 jun 2020.

BIA FERREIRA - BlackPeople PodCast #034. [S. l.: s. n], 2022. 1 vídeo (1:44:47 h). Publicado pelo canal Blackpeople. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jg15WtVsxlc>. Acesso em:

31 mar. 2022.

CAVALCANTI, Naiara; CALAZANIS, Fabíola. Spotify e relações de consumo: a música como estratégia de marketing para as juventudes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2-7 set. 2019, Belém (PA). Anais [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0614-1.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

DEIXA que eu conto a minha história', reivindica Bia Ferreira. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (08:18 min.). Publicado pelo canal: Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fftTK2TedmQ&t=1s>. Acesso em: 20 dez. 2024.

DORNELAS, Luana. A trajetória de Djonga: o rapper mineiro fala sobre carreira e seu disco de estreia "Heresia". Red Bull, 14 dez. 2017. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga>. Acesso em: 14 dez. 2017.

GIRARDI, Giulio. Educar: para qual

sociedade? São Leopoldo, RS: Aldus: Nisinos, 1975.

GONÇALVES, Luiz. A Indústria Fonográfica do Século XXI: a popularização das plataformas de Streaming. Música em Foco, São Paulo, v. 3, n. 1. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/musicaemfoco/article/view/683>. Acesso em: 03 nov. 2022.

MARTINS, Leonardo. N° de alunos negros sobe 52% na USP em 10 anos, mas eles representam só 15%. UOL Educação, São Paulo, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/12/21/alunos-usp-pretos-pardos-15.htm>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. Manifesto do partido comunista. 2. ed. Lisboa: Editorial Avante!, 1997.

PAGE, Will. The music industry makes more money but has more mouths to feed. Financial Times, Opinion Media, [S. l.], February 19th 2021. Disponível em: <https://www.ft.com/content/77768846-a751-45ec-9a12-20fff27ddefb>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PAULO Galo | Programa RAP, falando: Ep. 17, Temp. 02. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (02:59:10 h.). Publicado pelo canal: RAP, falando. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mGfmpYAdl2Y&t=2512s>. Acesso em: 20 dez. 2024.

QUEM É PAULO GALO? [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (04:54 min.). Publicado pelo canal: Cortes Podpah Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e85KbGmOEcc>. Acesso em: 01 nov. 2022.